

PLINIO MOTTA

PAROS



Plinio Motta

PAROS



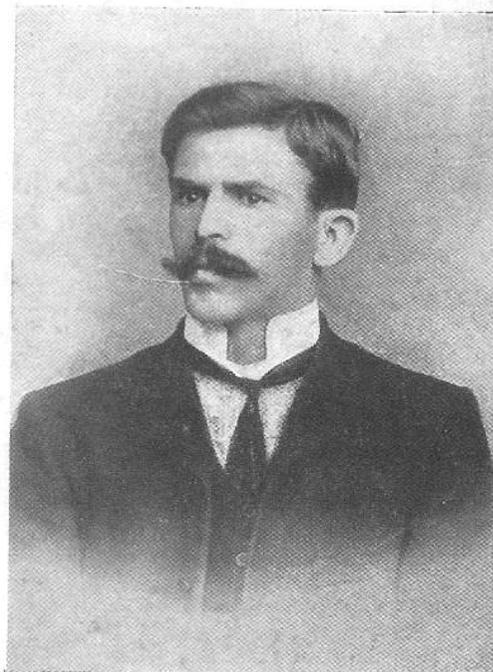
— Carlos Caster Filho —
— 1910 —

81732A

70,00

Quaker Paros

PAROS



PLINIO MOTTA

PAROS



(1905-1908)

PAROS, CARYATIDES
EMENTARIO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

189, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1909

PRIMEIRA PARTE



PAROS

AO
C^{nel} FRANCISCO R. JUNQUEIRA



C. Castex Filho
— cmx —

PYGMALIÃO

Toma do bloco e talha-o. E, então, daquella
Informe pedra rofa é exsurgida
A amada Galatéa, a estatua bella,
Plena de perfeição, plena de vida.

E elle, admirado, cáe nos braços della,
Beijando-a toda. A estatua, agradecida,
De gloriosa, de immortal capella,
Engrinalda-lhe a fronte encandecida.

Tambem, qual Pygmalião, a Poesia
Amo-a, com amor ardente e verdadeiro :
A vida eu dou a ella, a ella, dia a dia,

De coração consagro-me : esposei-a,
Como á formosa estatua aquelle obreiro
— Minha ideal e divina Galatéa.





O PANTANO

1

E' no recondito da matta enorme
Que elle, asqueroso, eternamente dorme.
A cupula que o cobre, é densa e tetra :
Nem um raio de luz alli penetra.
Só estremece ao revoar trissante
Dos morcegos que o tocam, semelhante
De um grande sapo á negra e feia pelle.
Ha ruidos soturnos dentro delle,
Côro de vozes cavas, côro horrendo !
Ha-os que lembram crótalos batendo ;
Ha-os que lembram rijas martelladas,
Escalas de flautins desafinadas ;
Pios, trillos estridulos de apitos,
Sons cavernosos, ruidos exquisitos,
E baixos a soprar ; e, a quando em quando,
Tinidos de metal, serra serrando.
Ha-os que lembram rufos de tambores,
Orchestração de todos os horrores !
Cospe, em tórno de si, putrido lodo,
Que o verde dos juncaes enlama todo.
A podridão do ventre seu nojoso
Conturba-o ás vezes, tira-o do repouso :

Borborygmos rouquejam-lhe no bojo,
 Os miasmas lethaes, que fazem nojo;
 Vêm-lhe do fundo esqualido e sombrio,
 Fortes arrotos, fetido bafio,
 A' feição de uma bolha, que, tão lenta,
 A' tona dagua sobe, e se arrebenta.
 Borbolha, ás vezes, num vaivem que o agita,
 A multidão dos vermes infinita:
 Aqui, das sanguessugas ferve o bando,
 Mais o negror das aguas augmentando;
 Alli, cabeça fóra, estúpida, ólha
 A' folha a rã, como a attrahir a folha;
 E, mais e mais, o deixa envenenado
 Da baba de que o corpo é saturado.
 No seu espelho negro, sob a matta,
 Nem sequer uma planta se retrata.
 A libellula foge-o : tem receio
 Da aza manchar ao repellente seio
 Do profundo atascal; em summa, esse odre,
 De cousas mortas, cousas de alma podre,
 De agua que anoja, turbida, estagnada,
 Ninguém o entende e nem entende nada.

II

Chega a invernia ás arvores funesta,
 E rasga o manto verde da floresta.
 Um chuveiro de luz entra a ramada,
 Como uma poeira de crystal coada.
 Entra. E sobre elle cáe; e, dôcemente,
 Quebra-se em prismas, torna-o transparente.
 Aclara-o. E gotta a gotta, onde pullula
 Uma porção de vermes, ella oscula.

Illumina o mais intimo escañinho;
 Aqui dispensa amor; alli, carinho.
 Aquece-o. Mas, o pantano é impassivel,
 O pantano é boçal, nojento, horrivel!
 As rans fecham os olhos, que os offusca
 Essa invasão de luz, quasi que brusca.
 Cessa a algazarra tetrica e soturna.
 A serpe, guizalhando, entra na furna.
 Como um beijo do céo, a luz divina,
 Em doce irradiação, tudo illumina.
 Para sorvel-a, em fremitos, contente,
 Cada ramo se estende mollemente...
 E sorve-a, e beija-a... E a luz, agradecida,
 Revigora-lhe a seiva, dá-lhe vida.
 O insecto em que ella fulge, é deslumbrante :
 Parece ter as azas de brilhante.
 Tomam, ás vezes, refulgencias de ouro
 Os elytros retintos do besouro.
 E zumbidos, cicios, cantos de aves,
 Ondas de aromas tepidos, suaves,
 Por toda parte o poema da alegria!...
 Clara agora, radiante agora, envia
 A matta ao céo uma fervente prece.
 E nem sequer o pantano estremece.





PAIZAGEM

Selvagem, amazonico, bravio,
Com umas scintillações de bronze ou prata,
Serpeia, em gorgolões, o grande rio,
Por entre o umbroso coração da matta.

Aqui se estreita ; além já se dilata,
Torcicollando, murmuro e sombrio...
Ora elle tem bramidos de cascata,
Ora do arroio imita o murmurio.

Em uma curva aponta uma piróga,
Que, levemente, em bamboleios, voga,
Niveo rastro deixando na agua turva...

E' um indio : canta uma canção guerreira,
Que repercute pela selva inteira,
— E some-se, cantando, noutra curva...



A
EUGENIO RUBIÃO



TROPEIROS

O RANCHO

I

Em torno cáe a treva. E do escampado
Vozes estranhas vêm, vago arruido...
Junto ao fogo, um tropeiro, acocorado,
Faz o cigarro e canta commovido.

O rosto, fortemente morenado,
Pelo clarão das chammas esbatido,
Torna-se, á meia sombra, avermelhado,
Tem reflexos de bronze repolido.

Outros berram, no truque, mil horrores!
E, popocando, a desprender vapores,
Preso de um gancho, ferve uma chaleira...

Tira outro da viola uns zangarreios,
Tão chorosos, tão languidos, tão cheios
De uma agreste doçura brasileira.

A PARTIDA

II

Mal no levante desabrocha o dia,
Doirando o cimo verde dos outeiros,
Que, através da manhã brumosa e fria,
Partem, cantando, os rusticos tropeiros.

Com a matinal canção desses troveiros,
Resôa em tudo a guzla da alegria :
Cantam, com elles, os múrmuros ribeiros,
E as aves através da ramaria

Cantam; e o insecto; e a matta que farfalha,
Soberba de frescura e majestade;
E o moinho das fazendas, que trabalha...

E elles se vão, sobre a manhã radiante,
Cantando coplas, cheios de saudade
Da sertaneja que ficou distante...



A

ARTHUR LOBO



SÓ

—
1

Desvaira o velho boi. A companheira
A longinquo paiz foi arrastada...
Que dolente mugir na retirada!...
Que triste olhar nessa hora derradeira!

Que solidão pela campina inteira...
Como a alma se lhe punge agoniada,
Quando elle, além, as voltas vê da estrada,
Que a extensos campos e a espigões se abeira.

E quando a tarde cáe, que dôr tamanha
Pesa-lhe dentro, o coração lhe entranha,
Maior que a dos crueis chuços de ferro!

E elle a procura em vão. Percorre toda
A varzea; galga um monte; ólha de em roda,
E solta um longo e doloroso berro.

MUGIDOS EXTREMOS

II

E os annos o prostraram, ou a lida
Trabalhosa, aos agrores da aguilhada.
Eil-o agora no meio da explanada,
No dia extremo da pesada vida.

Já sussurrantes moscas a investida,
A horrivel destruição, fazem a cada
Membro; e mostram-se os angulos da ossada,
Por sob a dura pelle envelhecida.

Quer se erguer, mas a força já lhe mingoa;
Sólta mugido rouco; a áspera lingua
Pende da bocca; o dorso se lhe inclina...

E nas suas pupillas, vagamente,
Aos ultimos lampejos do poente,
Se reflecte a paizagem da campina.



DE VOLTA

Até que emfim lá vejo o povoado,
Minha terra natal, meu dôce abrigo.
Já avisto o morro do cruzeiro antigo,
E a capellinha branca doutro lado.

E a praça da matriz; e o descampado
Áquem; e o rio, aonde ia commigo
A pequenada ao banho costumado...
Minha terra natal, eu te bemdigo!

A estrada deixo atrás, muito vermelha.
Já distingo a porteira, a ponte velha,
A ladeira da entrada, ingreme e estreita,

E... a casa de meus paes, minha querida
Casa!... A saudade, até então sustida,
Explode, emfim, em lagrimas desfeita.



AO
D^r JOSÉ NOGUEIRA



CREPUSCULO BYZANTINO

Fulvas celagens, nimbus dispersados,
Fundos violaceos tendo de permeio;
Amplu céo do Oriente, todo cheio
De templos byzantinos, rendilhados;

Mesquitas; minaretes aguçados,
Apunhalando o azul, num grande aneio
De atravessar, de lado a lado, o seio
Vasto do céo; e cirrus esgarçados,

Quaes vestes de odaliscas; e turbantes,
Aqui e alli, formando-se, esmaecendo,
Em leves tons, em bruscas variantes...

E o collar das estrellas se desata...
E vê-se a lua nova, num *crescendo*,
Como um alfange rutilo, de prata...





A GONÇALVES DIAS

Suspira a matta. A briza da saudade
Affla por sob a densa ramaria.
Que immensa magua que a floresta invade
E a torna, mais e mais, triste e sombria!

Onde os borés? a inubia? que estrugia,
Enchendo as selvas de uma tempestade
De sons! e o maracá? que reaccendia
Os animos, em meio á mortandade!

Oh! tudo emmudeceu... Nem um gorgoio
De ave, no umbroso e viridente seio,
No seio hospitaleiro da ramagem...

Nem um canto sequer! Que dôr suprema!...
Porque o poema da matta, o grande poema,
Elle não canta mais na harpa selvagem!



VELHO HOTTENTOTE

Balordo aspecto, em que a estulticia chata
Se mostra a pleno : craneo de gorilla,
Dolichocephalo, boçal; prognatha,
A dentuça feroz; turva pupilla,

Sem vida; torpe e alvar, esgaravata
O nariz achatado, que destilla;
Asqueroso bodum, catinga, nata
Do corpo, expelle, e anoja que horripila.

Ronca a babar; coça a cabeça, cuja
Carapinha é intonsa, oleosa, suja.
Move-se, cambeteante, aquella massa

Negra, soltando estupidos grunhidos...
E ás vezes pára, olhos no chão prendidos,
No supremo extase imbecil da raça.





O PERÚ

Cabeça de arlequim, de instante a instante,
Muda de côr. Altivo o todo, e os passos.
O seu feio glu-glu é semelhante
A' gargalhada aguda dos palhaços,

Quando, a mostrar boçaes desembaraços,
Entram em scena. Em ostensão constante,
Tem a soez empafia dos ricaços,
O mesmo garbo estolido, arrogante.

Vaidoso e bobo, arrasta as azas, anda
Reteso para trás, meio de banda,
E, ancho e rotundo, ainda mais se tufa.

Volteia sobre si, recúa, avança,
Como a ensaiar alguns passos de dansa,
De carnaval, funambulesca, buffa.



EVOHÉ

As taças emborcai. A tilintante
Musica dos crystaes que vos sedusa.
Ennastrai-vos de pampanos, e cante
A ambrosia de Baccho a vossa musa.

Que se vos torne turbida e confusa,
De beberdes, a vista : á bella amante
Que vos pareça a esposa : e, á mente illusa,
Phryné tomeis por virgem, e a bacchante.

Vossas rubras paixões, vossos amores
Perfidos, orvalhai de evios licores;
Cobri de escarneo o preconceito e a lei,

De viridentes pampanos cobri-os.
E bebei, a fartar, rios e rios,
Como um tonnel danaidico, bebei.





CALVARIO DALMA

Jesus expira. Carpe a natureza.
Entoam, a chorar, os elementos
Um canto repassado de tristeza...
Os propios furacões soltam lamentos...

A tragedia das dôres, da crueza
Das lagrimas, de todos os tormentos
É consumada... O Deus de mil portentos
Morre entre os seus, sem a menor defesa.

Essa tragedia horrivel e infamante
Em nossa alma, hora a hora, instante a instante,
Tristemente, tambem, se reproduz

O cortejo das nossas alegrias
Crucifica-se em nós todos os dias,
Como o bondoso e pallido Jesus.



OS TIGRES

Da jaula os tigres os varões de ferro
Rompem, a uivar, e atiram-se aos belluarios.
Qual, talvez por vingar o que no encêrro
Soffreu, de varias victimas, de varios

Homens faz um montão de carne; e, em berro,
Qual se arremessa contra uns dromedarios;
Qual estrangula, num voraz affêrro,
Cervos da Ural, dos montes solitarios.

Qual os gradis ataca de uma hyena;
Qual um cysne entre as garras já depenna;
Qual persegue um bisão que lhe resiste...

E, no emtanto, uma lesma numa folha
De rosa, muito calma as fêras ólha,
Sem o menor temor a tudo assiste.





O PATO

Disforme tem o corpo : baixo e grosso.
E' pachorrentamente, passo a passo,
Bamboleante, em gingos o pescoço,
Que elle se vai banhar. Espaço a espaço,

Grasna ao faiscante sol. Tédio e mormaço.
O barro preto que margeia o poço,
Peganhento reluz, tem brilhos de aço.
E moscas lá se cruzam com alvoroço.

Grita e bate azas, a agua vendo e o bando
Dos companheiros. Segue espicaçando
Tudo o que acaso encontra : o verme, o lodo,

Os brotos do capim. Rasteiro e chato,
Quasi tocando o chão, caminha o pato,
E a agua singra afinal, banha-se todo.



A

GODOFREDO RANGEL



O SAPO



Na frincha enviezada de um fragedo,
De saxateis bromelias recorberto,
Fincado á escarpa de estradão deserto,
E' que elle vive. E vive alli sem medo,

Tranquillo em seu coaxar, feliz e quêdo.
Quando se sente de calor referto,
Vai á palude que se espraia perto,
Numa grande extensão pelo vargedo,

E horas sem conto dorme á soalheira.
Se algum fero animal d'ahi se abeira,
Calmo ólha-o; nem se move do logar.

Mas, se, acaso, percebe, de repente,
Que pela estrada vem passando gente,
Foge, assustado, aos pinchos, a saltar.





FELINA

« Cette chatte m'accompagne depuis
longtemps et philosophe la *vie*
comme moi. »

Ella entrou do pomar, onde sadia
Carne fresca de caça devorára.
E ronronou uma ária de alegria,
Talvez de bem-estar. A' prole cara

O pello roça; aleita-a, acaricia-a.
Depois, sobe a cadeira; e se prepara
A' costumada sesta ao fim do dia :
Lambe-se toda, e arqueia-se, e escancara,

Em um longo bocejo de preguiça,
As pequenas mandíbulas; e eriça
Nedia pellugem mosqueada e fina.

Emfim, tranquilla, vagarosamente,
Sobre a cadeira estira-se indolente,
Como se fosse uma onça pequenina.

A

JERONYMO G. FERNANDES



A DÔR

Quem soffre, vive : a Dôr é pois a vida,
A vida, ou transbordada ou exaurida
Da amphora azul do Amor, ou exgottada
Nos prelios de uma idéa não vingada.
A Dôr é pois a vida e não a morte.
Cinge-me, pois, ó Dôr, que serei forte
A resistir-te, a ti, que me garantes
Minha vitalidade. Adoro-te. Antes
A ti prefiro, a retornar-me ao Nada.
Tu és a vida, e a vida é adorada.
Ai! do momento em que de mim te fores!
A podridão virá, e os seus horrores :
O asco, o verme, a hediondez, o esquecimento...
Ai! desse horrivel fim, desse momento.
Hão de fugir-me, o tumulo sómente
Me envolverá, me abraçará contente!
Raivece dentro em mim, ó Dôr querida,
Tu és um grande bem, porque és a vida.
Eu obedeço-te impassivel, mudo :
Tu é que deves comprehender-me em tudo.
Todos os grandes ideaes do mundo
São filhos do teu seio almo e profundo!
O Ai! é uma canção sempre sublime,
Canção da Dôr, da Dôr que a vida exprime!

Eu amo vêr Laocoonte, o monumento
 Eterno, o eterno, o grande soffrimento,
 O symbolo da Dôr; minha alma sente
 Vago prazer nas voltas da serpente
 Que, immovel e cruel, se lhe ennovela;
 Sempre é de vêl-o em posição tão bella!
 Nada sem ti jamais se immortaliza!

Toda lagrima é rocio que suaviza,
 E' transparente perola colhida
 No pégão tumultuoso desta vida...
 Em sua grande Dôr, Dôr infinita,
 Jesus tambem chorou, fel-a bem dita.
 E, como a lympha que brotou do Horeb,
 A lagrima que cáe, e que se embebe
 No solo, é pura, é um escriptorio santo,
 É quasi sempre um poema esfeito em pranto...



VENCEDOR

As azas de morcego, o olhar em fogo,
 Satanaz, que o sabia agonizante,
 O throno desce, e, em berros, parte logo
 Para o cimo do Golgotha. E, deante

Do Christo, por escarneo ou desafôgo,
 A phalange dos vicios triumphante :
 A Gula, a Intriga, a Hypocrisia, o Jogo...
 Faz desfilar o espirito arrogante.

E a Terra treme toda, e o céu de luto
 Se cobre, e os montes, e o rochedo abrupto
 Fendem-se, e o mar transborda, em cataclysmo...

Satanaz, gargalhando, o olhar profundo
 Lança em torno de si, medindo o mundo,
 E, victorioso, vai, de abysmo a abysmo.





PENDULA ETERNA

Relógio de minha vida,
Vida tão cheia de afan,
Que pancada aborrecida :
Amanhan... mais amanhan.

Trabalhas, sinistramente,
Sinistro como Satan,
A dizer sempre inclemente :
Amanhan... mais amanhan.

E desse amanhan a vinda
E' uma promessa van.
Cada dia que se finda :
Amanhan... mais amanhan.

Esperar ! que de amarguras
Não vêm com as primeiras cans!...
E tu sempre me torturas
Com esses teus amanhans!

Relógio de minha vida,
Vida tão cheia de afan,
Que pancada aborrecida :
Amanhan... mais amanhan.



TEMPO ABAIXO

Tempo abaixo, tempo abaixo,
A minha existencia passa,
Como um sombrio pennacho
De fumaça.

Hontem, o ephemero bando
Das illusões, tão serenas,
Passava, por mim, cantando
Cantilenas...

Hoje, minh' alma fenece,
Lentamente... lentamente,
Como o cicio da prece
De um doente...

Tempo abaixo, tempo abaixo,
A minha existencia passa,
Como um sombrio pennacho
De fumaça...





OS MANDACARÚS

Asperrima invernia. E elles coitados!
Além se aprumam, margeando o rio,
Em completa nudez de condemnados,
Taciturnos e rigidos de frio.

Tudo é desolação. Não ha balados
Pela campina, e nem ligeiro pio...
E é de vêl-os, então, enfileirados,
De um aspecto minaz, grave e sombrio.

Embora immoveis, lê-se-lhes em cada
Aresta a funda raiva concentrada.
Os austeros, hostis mandacarús

Voltam-se contra Deus, numa postura
De maldição, erguendo-se naltura,
Ameaçando os céos com os braços nús.



O LIVRO

Lêde o livro todo dia.
Elle é outro Creador :
Crêa, cinzela, irradia,
E' — como Deus — esculptor.

Um livro é sempre attrahente,
Tem seu valor e seduz;
O nosso espirito sente
Necessidade de luz.

Ha livros com peso de ouro,
E refulgencias de sóes ;
Que cantam tal qual um côro,
Um côro de rouxinóes.

Muita vez, quanta harmonia,
Da lyra de ouro de Orpheu,
No rhythmio da poesia
Que algum poeta escreveu.

Da estrophe parnasiana,
A fórma nos faz lembrar
— Riquíssima filigrana,
Arabescos de luar.

Muita vez um livro encerra,
 Nas paginas immortaes,
 Mais encantos do que a terra,
 Mais riquezas, muito mais.

Thaumaturgo : vista ao cégo
 Dá, como dava Jesus ;
 Por isso, com amor lhe pego,
 Quando eulhe recebo a luz.



CARMES

*Infancia :*

Rosa branca da existencia,
 Que pende e fenece brève,
 E onde zumbem — côr de neve —
 As abelhas da innocencia.

Mocidade :

Rosa de rubidas côres,
 Que pende e fenece logo,
 E onde zumbem — côr de fogo —
 As abelhas dos amores.

Velhice :

Rosa ha muito desfolhada
 Dos prantos e dos martyrios ;
 E onde pastam — côr dos cirios —
 As larvas que vão ao Nada.



A

JOSÉ GORGULHO NOGUEIRA



BUCOLICA

Foi na Thessalia, terra dos pastores,
Ou melhor, dos idyllios, dos amores.

Os dois, Delvo e Zalé, collina acima.
Ella, ao envez delle, a subir o anima.

Vão, cuidadosos, recolher o armento :
Já tinge o poente o sol de um tom sangrento.

Elle é rude : dos montes a rudeza
Tem, e a do cedro antigo da deveza;

E, á vez, no olhar, colericos arroubos,
Com o habito de enfrentar famintos lobos;

E ella, no todo, a mansidão da ovelha,
E na bocca polpuda a côr vermelha

Das flôres do caminho. O azul setineo
Do seu olhar traduz-lhe o amor, define-o :

E' vago e meigo como um sonho vago...
Delicioso como um doce afago...

Elle, por distrahil-a, assopra a avena;
Ella, por distrahil-o, a voz amena

Sólta, e do manso gado tange o bando;
E elle, em vez della, atrás se vai ficando.

Vai-se ficando atrás, não de cansaço;
Porque aneia o frescor de seu regaço.

E a trechos, monte acima, se demora,
Pousa o pastor no seio da pastora.

Do céo da Grecia a limpida saphira
Elle admira; porém mais elle admira

A dos seus grandes olhos. Dos desejos
Abre a punicea rosa... e cantam beijos,

Beijos lascivos, fortemente dados...
O beijo é a canção dos namorados.

E capros, retouçando pelos vallos,
Começam de balar, como a saudal-os.

E elle, por distrahil-a, assopra a avena;
E ella, por distrahil-o, a voz amena

Sólta. Torneiam, sobem a collina,
Emquanto, além, o rubro sol declina...

E a trechos, monte acima, se demora,
Pousa o pastor no seio da pastora.

E, senão quando, touro bravo berra,
Investe com elles, escarvando a terra.

Foge o pastor ao animal irado.
Elle, pelo caminho, tão cançado,

Todo indolencia ha pouco, num assombro,
Salta uma sébe com a pastora ao hombro.





A ROSA E A ABELHA

Certa rosa, desejando
Occultar-se de uma abelha,
Que vinha, de quando em quando,
Beijar-lhe a bocca vermelha,
Pediu emprestada a veste
De uma flôr azul-celeste.

Enfiada em nova roupagem,
Estava a rosa contente ;
E, ao leve sôpro da aragem,
Vergava-se brandamente...

E, nisto, zumbindo, veio
A abelhasinha. E, zumbindo,
Tirou-lhe o pollen do seio,
Do seio rório e lindo.
E, depois de satisfeita,
Disse á rosa contrafeita :

Foi embalde, minha esperta,
O teu disfarce. Formosa,
Saibas que, embora encoberta,
Será a rosa sempre rosa.

A

JOAQUIM S. DE PAIVA AZEVEDO



SOROR STELLA

Velando á dôr, ao crebro soffrimento,
Erra através da vasta enfermaria.
Aqui um ai, além uma agonia,
Desolamento e mais desolamento

Fervorosa, as camandulas desfia,
Sóbe perante Deus, em pensamento.
Na alvorada da vida, um só momento,
Não mais o rosicler de uma alegria.

Foram-se as illusões e os seus amores.
Geme-lhe perto o canto-chão das dôres,
Como um longo gemer dos sonhos idos...

Sob o pallio da Fé, bondosa e pura,
Já se affizera aos prantos, á tortura,
A'quella triste orchestra de gemidos.





DEUS

E' a Suprema Potencia incomprehendida,
Que mais me assombra quanto mais a estudo.
O Nada não existe, pois que a Vida
Está em tudo, procreando tudo.

Na vibração da luz, no doce aroma,
Na briza, na usnea, na cerulea esphera,
No lapedo, nas cellulas, na estoma,
No mar, na microscopica monera.

Existe Deus — a Creação secreta,
A que tudo obedece, e a tudo assiste.
O Omnipotente é como a linha recta,
Que, immotavel e eterna, em tudo existe.



A

MURILLO DE CAMPOS



RAPHAEL

Sente que vai morrer. Então, sustido
Aos braços dos discípulos, é guiado
Para o seu tabernaculo sagrado,
Onde as horas passava-as embebido.

Aqui é « Roma a arder »; alli é « Dido »,
Suspensos da parede; e, doutro lado,
Como um enorme coração maguado,
Vê por terra a paleta. E, commovido,

Firma-se então. Empunha-a, o grande artista.
Já tremulas as mãos, turbada a vista,
Em um febril anceamento louco,

A obra trabalha, ha tempos esquecida...
E, enquanto elle na téla insufla a vida,
A vida se lhe evola a pouco e pouco.





NUA

A alvura açucenal, a alvura casta,
De suas fórmãs freme, a quando em quando.
Sua undiflava cabelleira basta
Cáe-lhe por sobre o corpo, scintillando.

Cáe-lhe beijando tudo : aqui se engasta,
Nos lacteos seios tumidos arfando;
Aqui lhe envolve o braço, aqui se afasta,
Lascivamente o tronco lhe enroscando.

O marmore ideal do esculpturado
Busto, de um vago tom nevi-rosado,
Remira, ufana, ao luxuoso espelho.

E a luz do sol que tomba no occidente,
O corpo lhe incendeia inteiramente,
Cobre-o de beijos, tinge-o de vermelho.



A

PEDRO B. GUIMARÃES



O NILO

Eil-o, o sagrado, o grande rio eterno
Na sua mansidão, na sua nobre
Jornada immensa, a socorrer o pobre,
Fecundando-lhe as terras, sempre terno.

Sycomoros, ao longe, a quando e quando,
Parecem o chamar, em leve aceno ;
Pedir-lhe d'agua o beijo fresco e ameno :
Elles se curvam todos, ramalhando.

O lotos, a flôr santa, santa e rara,
Berço outr'ora de um deus recém — nascido,
Muito azul paira á tona d'agua clara,
Como um floco de céo alli cahido.

Pesados hippopotamos boiando,
Boiando, rio abaixo, como troncos
De cedros a rodarem, tóros brancos
Passam, em fila, muita vez, nadando.

E scisma junto á margem escarpada,
Sobre as lages lodosas da barranca,
A ibis esguia, muito esguia e branca,
Como a alma de algum deus alli pousada.

Desliza aqui mais manso e reverente,
 Mais manso e reverente irriga as glebas
 Que o circumdam aqui: pois, passa em frente
 Às ruínas velhissimas de Thebas.

E mais além se alteia rebramando,
 Em ancias de galgar a immensidade
 — No valle de Gizeh, onde, passando,
 Das Pyramides canta a eternidade.

Escalando as setteiras do Infinito,
 Atravessa cada uma os evos, calma,
 Bruta, descommunal, bruto granito,
 Symbolizando a eternidade d'alma.

De trecho a trecho, eleva-se, isolada,
 Uma palmeira rumorosa e esbelta.
 Cançado, elle entra, enfim, terras do Delta,
 Depois de muitas leguas de jornada.

Sob um céu rubro e azul, pesado e lindo,
 Cairo agora se estende solitario,
 Como um pedaço enorme de sudario,
 O cadaver dos seculos cobrindo.

A Esphinge. Pobre Esphinge! fria e nua,
 Exposta ao furacão, sempre inclemente!
 Seu mutismo é, talvez, a prece ardente
 Alevantada a Deus, porque a destrua.

O zimbório do céu, amplo, se arqueia,
 Ancioso de cobril-o, protegel-o;
 E areia... areia mais... e mais areia...
 O deserto o defende com desvelo.

E, como em oração, todo contrito,
 Olhos no céu, fluctua um crocodilo,
 De vez em vez...

E rola sempre o Nilo,
 Placidamente fecundando o Egypto.





LETHES

Inflexo, como a ouvir-te o murmúrio
Que do fundo te vem tão contristado,
Soturno salgueiral annoso e esguio
Ensombra as tuas margens, lado a lado.

Regues embora o Tartaro sombrio,
Onde, de dôr, se torce o condemnado,
Rio bemquisto, bemfazejo rio,
Eternamente sê abençoado.

Tu que esquecer as lagrimas fazias,
Todo o tormento dos passados dias,
No sorvedouro intermino das maguas...

Ah! Lethes immortal, pudera eu hoje,
Que a instante a instante uma illusão me foge,
Dossedentar-me em tuas santas aguas.





PALMEIRA

Palmas verdes, e grácil, e delgada,
Sempre é de vêl-a, a altíssima palmeira;
Cada palma lembrando uma bandeira,
E o estipite, columna alevantada.

Ella nasceu, cresceu, desamparada,
Sem as caricias de uma companheira.
Sósinha, nunca amou, nem foi amada,
Tristemente ramalha a vida inteira.

O amor só vê de longe, qual miragem...
Muita vez, que irrisão! aves errantes
Fazem ninho de sob sua ramagem.

Volteiam-lhe em redor, zumbem-lhe perto,
Cantando amor, insectos revoantes...
Eu sou como a palmeira do deserto.



AO

D^r JOSÉ PAULINO RIBEIRO GORGULHO



ALTO DA MANTIQUEIRA

Alto da Mantiqueira. Espraio a vista e scismo.
Abre, lá-baixo, o immenso, o insondavel abysmo,
A fauce verde-negra, escanceladamente.
A alma se me dilata, agita-se fremente :
O abysmo attráe o abysmo e o abysmo tenho-o'n'alma.
Que grande paz aqui, que dôce e eterna calma!
Vaga sussurração, um mystico vozeio,
Paíra em tudo o que vejo : é a voz de abysmo, creio.
Sólta, flexando o espaço, um gavião bravio
Um pio á Liberdade, um estridente pio.
E, azas expansas vai, num vôo altivo e brando,
Piando valle a valle e monte a monte piando...
E' aqui, alto da serra, onde ninguem a infesta,
Que é grande, e majestosa, e esplendente a floresta.
Estranha cathedral de exquisitos labores,
Cujo incenso aromal é o incenso das flôres,
Que se espalha subtil, em volutas suaves,
Cujo côro eternal é o côro das aves.
E' grandiosa em tudo, em tudo ella é divina;
Não lhe excelle em primor a Capella Sixtina!
Cada arvore ancestral, austera e ramalhosa,
Lembra-me a toda mãe que é boa e carinhosa.
Ha um leve frescor debaixo dos seus galhos,
Blandicias maternas, maternas agasalhos.

As arvores têm vida : amam qual nós amamos;
 Ha fremitos de amor nos tomentosos ramos.
 Na volupia da luz, quando o sol as fustiga,
 Que dôce prostração, que sensual fadiga.
 Curva-se a fronde a meio, á guiza de repouso;
 Dobra-se folha a folha, em contracções de gozo...
 Depois, na primavera, ella é toda esplendores,
 Ahi resurge o amor desabrochado em flôres.
 Ninho dos ninhos, guarda-os, teme-lhes a morte :
 A cabelleira no ar, esfuziante e forte,
 Vêde-lhe o desespero, a agitação violenta,
 No cavo rouquejar da troante tormenta.
 Bello, vêl-as á tarde, em placida postura,
 Num brando ramalhar. E' como quem murmura
 A derradeira prece ao expirar do dia,
 A essa hora em que a saudade a nossa alma crucia,
 Uma saudade vaga, ignota, incomprehendida,
 Não se sabe de que, mas que é fundo sentida!...
 Internai-vos na matta escusa e emmaranhada,
 Que ahi, tonto de olencia, encontrareis em cada
 Tronco que se levante, em cada hastil que trema,
 Um canto, um madrigal, um grandioso poema.
 E' um crime nefando, é um crime tremendo
 A arvore derribar. Quando ella cáe rangendo,
 Esse ranger dolente, esse ranger é um brado
 De eterna maldição contra o feroz machado.
 Ellas tombam por terra, erguem-se as *urbs*, mas,
 Depois ahi abrolha a jalde flôr do tedio. [vêde-o :
 Quando na arcada azul do curvo firmamento,
 A lua, hostia de luz, se altêa, lento e lento,
 Que formosa ha de ser essa formosa matta,
 Como um templo pagão toda incrustada em prata.

.....

 Não sei se é matta, ou campo, aquillo muito verde
 Que se adelgaça além, que lá no azul se perde...
 Como chuveiros de ouro, hartos ipês gigantes
 Arfam, plenos de flôr, sobre os grotões hiantes.
 Altas rochas aqui, socalcos em seguida,
 E a linha da montanha, extrema, indefinida...
 Não ha pintar-lhe os tons, a máxima belleza,
 Na sua ondulação suprema da grandeza.

E, do alto deste abysmo, eu vejo, lentamente,
 O rubro sol tombar no abysmo do occidente...



SEGUNDA PARTE

CARYATIDES

A
JOSÉ DE PAIVA AZEVEDO



TU, SÓ TU, PURO AMOR...

De crenças e de fé, se não de calma,
Trouxe de longe o coração vazio;
Porém, ao vêr-te, lirio de minh' alma,
Vi dentro delle o amor florindo. E vi-o

Aclarado de luz, e não sombrio,
E não deserto como outrora. Espalma
As azas sobre mim, Anjo erradio,
Guarda-me a crença, o meu soffrer acalma.

O Templo de minh' alma está aberto :
Tu has de ouvir ahí rumor incerto
De sombras que ao passar, eterna dôr

Deixaram, uma dôr profunda e immensa...
Entra, porém, que, enfim, cheio de crença,
Eu te darei a communhão do amor.





QUANDO ELLA PASSA

Quando a vejo passar, pisando leve,
Como rósea illusão por mim sonhada,
Entre fitas e rendas naufragada,
O que eu sinto não sei, nem se descreve...

De sua veste alvissima, de neve,
Uma fragrancia tépida, evolada,
Deixa a minh' alma toda embriagada,
Quando a vejo passar, pisando leve.

Que doçura suavissima na fala
E no aroma subtil que sempre exhala
O seu busto ideal e majestoso!

E' formosa demais, formosa e casta!
E na onda de perfumes que ella arrasta,
Arrasta-se minh' alma, ebria de gozo.



NO BAILE

Esplende a sala. Airosa e seductora,
Valsa com outro que me dá receios.
Nelle se premem seus virgineos seios,
Perfuma-o todo a cabelleira loura.

E, como se uma sylphide ella fôra,
Parece evaporar-se nos volteios
Rumorejantes, céleres, e cheios
De uma fascinação deslumbradora.

Faiscam luzes : meu olhar faisca,
Voluptuoso, como o da odalisca,
Cuja lascívia nunca se enregela.

Não a perco de vista; sempre a sigo :
Ella se esquivava de dansar commigo,
Porém o meu olhar dança com ella.





VOLUVEL

Lembra-me ainda : ella chorava e ria,
Em uma certa vez que a visitei.
Que alegria indizível, que alegria
Me entrou a alma, a cantar! Mais do que um rei,
Eusenti-me orgulhoso nesse dia.

Mas eu soube depois (e torturado
De uma descrença atroz tenho vivido !...)
Que ella ria por eu haver chegado,
E chorava por outro haver partido.



TEU AMOR

Caminhos escabrosos, escarpadas
Serras, immensos pantanos, e rios ;
Os logares mais ermos e sombrios,
Os mais invios sertões, invias estradas ;

Grandes desertos, mattas habitadas
De animaes famulentos e bravios ;
Os paizes mais calidos, mais frios,
Profundos mares de ondas revoltadas :

Atravesso contigo, se quizeres,
Mulher que vence todas as mulheres,
Com essa belleza que me attráe e enleva!...

Ao teu lado eu irei tudo enfrentando,
Animoso, invencível, te levando,
Porque o teu grande amor é que me leva.





JOSEPHINA

Bondosa esposa querida,
Na hora da despedida,
Se te surprehendo a chorar,
Faço a viagem sorrindo,
Acho tudo, tudo, lindo,
E alegre volto ao meu lar.

Mas, se te vejo contente,
Indiziveis maguas sente,
A minh'alma ao te deixar;
Faço a viagem tristonho,
Tudo, tudo, acho medonho,
E triste volto ao meu lar.



SEREIA

Sobre a galera azul « Felicidade »!...
Tenho vogado... Adeus, linda galera!...
Com que pungente dôr, com que saudade,
Vou te deixar agora!... Pois, quizera

Sempre enfunar, distante á tempestade,
A tua vela, panda de Chimera,
Branca de Paz, com toda a suavidade,
Por sobre o mar da vida. Quem me dera!

Mas seduz-me a sereia... Ella, a inclemente,
Deita-me, apaixonada e longamente,
Uns olhos negros que me estão falando

Dos ciumes que hão de vir breve nascendo,
Dos prantos que hão de vir breve gemendo,
Das fundas maguas que hão de vir matando.



A

BELMIRO BRAGA



OLHA-ME SEMPRE

Olha-me sempre : o teu olhar trevoso
Do nosso amor traduz a profundeza.
Olha-me sempre : dá-me o eterno gozo,
O gozo eterno da immortal belleza.

Olha-me sempre, deusa da pureza;
Fita-me bem o teu olhar bondoso :
Toda a minh'alma de tua alma é presa,
Por ti meu coração vibra ditoso.

Olha-me sempre : dou-te a vida, dou-te
Tudo o que meu por essa negra noute
Do teu ardente olhar fascinador.

Olha-me sempre, que eu assim me alegre :
A densa treva desse olhar tão negro
Dá luz, e muita luz, a meu amor.





NO BOLERO

Rosa morena, rosa de Sevilha,
Se te vejo a dansar, que desespero!
Ondas de aroma, aroma de baunilha,
Vêm do teu corpo, lavorato a esmero.

Nos dengosos meneios do bolero,
Aos compassos de alguma tonadilha,
Cheia de graça, trêfega, te quero,
Rosa morena, rosa de Sevilha.

Dos lírios ideaes da tua bocca,
Que, risonha, ao dansar, vais desfolhando,
Triumphalmente o meu amor se touca.

Vendo-te assim, minh' alma se hespanhola :
Sinto-a, em requebros, dentro em mim, dansando,
Ao lepido estalar da castanhola.



SEVILHANA

Formosissima e languida hespanhola,
Flôres pediste. E eu te colhi contente :
Camelias de corolla alvinitente,
Frescas rosas de rubida corolla ;

Lírios, de cujas petalas se evola
Um perfume suavissimo, excellente ;
Muitas flôres, emfim, *incontinenti*,
Formosissima e languida hespanhola,

Colhi; porém, não encontrei nenhuma
Como essa tua bocca : ella perfuma
Um coração inteiro, uma alma inteira...

E' uma flôr que attráe e que provoca ;
E' uma flôr de carne a tua bocca,
Vermelha como a flôr da romanzeira.



A

PAULO BARRETO



ARRUFOS

« Ton cœur est mon trésor ;
Je ne veux que ton cœur.

.
E o anel riquíssimo atira
No seio azul, de saphira,
Do lago.

Olho-a calmo, indiferente,
E, entre os dedos, friamente,
Umás boninas esmago.

E lança, depois, tranquilla,
O broche que lhe scintilla
Ao peito.

O lago, de leve, treme
Ao recebê-lo : era um M
Artisticamente feito.

Alegres canções trauteio,
Fingindo-me a tudo alheio,
A tudo.

E sobre o flaccido leito
Da verde relva me deito,
Macio como velludo.

De coral uns brincos finos
 — Dois corações pequeninos —
 Atira.

Semelham, no ar, insectos
 Que passam, por mim, directos,
 Indo ao lago de saphira;

E o leque de alva plumagem,
 Que, como um pato selvagem,
 Desliza
 Por sobre o lago azulado,
 Por dóce briza tocado,
 Uma suavissima briza.

E alegres canções trauteio,
 Fingindo-me a tudo alheio,
 A tudo.

O lago, como a giboia,
 Devora joia por joia,
 Faminto, elastico, e mudo.

Digo-lhe, emfim, com ternura:
 Porque tamanha loucura
 Que fazes?

A joia que mais cobiço,
 Não podes jogar... Por isso,
 Melhor fazermos as pazes.



SAUDOSA

A' fonte chega. E a estrada que colleia
 Para as bandas do sul, com magua fita:
 Por lá que elle se foi, deixando-a cheia
 De uma saudade intermina, infinita.

Bandos de garças, como grandes lenços
 A dizerem-lhe adeus, cortam o espaço
 E que de agroses intimos, immensos,
 Se lhe estampam no olhar humido e baço.

Afasta os olhos tristes do horizonte;
 Porém, no espelho limpido da fonte,
 Onde se arqueia um céu de côr violacea,

A rosa vê — tristissima lembrança!
 A rosa que, ao partir, lhe poz na trança...
 Levasse-a com elle de uma vez, levasse-a...





CELIA

Tem ella o todo altivo da palmeira,
As fórmas graciosas, seductoras.
E' sua longa e basta cabelleira
Loura, mais loura que as espigas louras.

Berenice, a formosa Berenice,
Cujas madeixas eram um portento,
Se, por acaso, taes cabellos visse,
Esconderia os seus, de acanhamento.

Quando ella canta, lembra-me a sereia;
Quando sorri, a perola nevada;
Quando ella valsa — wilis que volteia
No turbilhão do vento em que é levada.

Quando ella chora, lembro-me do orvalho
Que as romans vermelhissimas roreja;
Quando ella reza, lembra-me o farfalho
Da briza matinal que as flôres beija.

O azul de céu daquelle olhar bondoso,
Onde refulge a estrella da constancia,
E' vago, transparente, vaporoso,
Como o que veste os montes á distancia

E, esmaecidos, vagos, e ligeiros,
Como nevoa phantastica, enganosa,
No azul daquelles olhos feiticeiros,
Vejo passar meus sonhos côr de rosa.



A

JONATHAS MONTEIRO



NA ALCOVA

Ella dorme. De manso resfolega.
E' deslumbrante : uma belleza grega.

A cabelleira, flava; oval o rosto,
E afogueado como o sol de Agosto.

Semelha, sob o niveo cortinado,
Entre nuvens um anjo repousado.

A bocca lembra a uma romã partida...
E' uma Venus, emfim, adormecida.

E tudo a admira : á sua esquerda, perto,
Com o grande olho enormemente aberto,

Um rico espelho de crystal polido;
Numa peanha de marmore, um cupido;

Suspensa da parede, uma princeza;
E dous *clowns de biscuit* que ornam a mesa.

Tamborila um besouro na vidraça.
Cão. E zumbe e zumbe; ergue-se, esvoaça.

E os minusculos olhos, irrequieto,
Tambem, de vez em vez, lhe crava o insecto.

Olha-a : elle admira aquelles cachos de ouro,
Muito triste, talvez, de ser besouro...

Num paroxismo vagaroso e brando,
Bruxoleia uma véla, estalitando.

E a propria flamma, tremula, expirante,
Para a virgem se curva, instante a instante.

Ha pela alcova, em tudo, um vago aneio
De vêr-lhe as curvas divinaes do seio,

De vêl-a, vêr o corpo seu formoso,
Cuja eurhythmia descrever não ousa.

Tudo deseja, emfim, que ella se mova,
Que se descubra, aneio toda a alcova.

De golpe a moça se descobre. E a vela,
Como ciosa da belleza della,

Apaga-se de golpe « Oh! formosura,
Que pena! a luz! a luz! » tudo murmura.



EDELWEISS

Quanto é impiedosa, quanto ella é inclemente!
Que olhar aquelle, que expressão aquella!
A alma me apunhal-a, a alma me escarpella
E friamente, dolorosamente...

Minhas phrases de amor, quando por ella,
Eu passo, nem n'as ouve. Indifferente,
Sorrindo, as escarnece, ou nem n'as sente...
Tal a algidez que o corpo lhe enregela.

Ama illudir-me emtanto, ama illudir-me...
O amor que me consagra, é immenso e firme,
Amor que é mais que amor : é adoração!

Se a minha mão febril aperta a sua,
Os olhos baixa e, tremula, recua,
Tomada de uma estranha commoção...





BEIJOS E BEIJOS

Ha quanto que partiu, e a espero ainda!
A minha gloria nella se resume.
Quando será, meu Deus, a sua vinda?
O altar de meu amor está sem Nume.

Que saudades, que magua que não finda!
E arde-me dentro a pyra do ciume.
Quero abraçal-a (que doçura infinda!...)
Beber de seu olhar o claro lume.

.

Um dia, emfim, ella entra de surpresa,
E, muda, fita-me; eu a fito, mudo :
A voz, de commoção, nos fica presa...

E eu a cubro de abraços e de beijos...
Beijo-lhe as mãos, beijo-lhe os labios, tudo,
Numa vertigem louca de desejos...



TERCEIRA PARTE

EMENTARIO

JORNADA A UM VALLE

A
ALBERTO DE OLIVEIRA

EM CAMINHO DO VALLE



Hoje, olhando o passado, aberto ao meio
O ementario de amor, sentido e vago,
E' o livro apenas que compulso e leio,

E onde, imitando um bandolim queixoso,
Passa e repassa em namorado affago,
Das saudades o bando vaporoso.

Alberto de Oliveira.





Em caminho do valle. A madrugada
Caçoilas de fragrancia já derrama
Na terra fresca, na orvalhada grama,
Em todos os reconditos da estrada.

Das meias sombras vão surgindo vultos
De troncos, de cupins, de ramaria,
A' proporção que vai rompendo o dia,
Que espanca as trevas onde estão occultos.

Do alto uma chuva de ouro vem cahindo...
Num preguiçoso, tardo desafio,
Os gallos cantam pelo casario,
Curvas de sons dolentes emittindo.

Com as primeiras canções dos passarinhos,
E' que vamos, eu e Hilva, a nosso valle,
Esfolhar as camelias dos carinhos...
Não ha vida que á nossa vida iguale.

Nós vamos desfructar nossos amores,
Pelos prados, agora florencendo :
Emquanto ella estiver colhendo flôres,
Eu vou, de quando em vez, beijos colhendo.

Num sobe e desce gracioso e brando,
Ligeira borboleta côr de prata
A' nossa frente segue volitando,
E, volitando, some-se na matta.

A' esquerda altissimo coqueiro vê-se.
Em noutes claras, quando existe lua,
Sua ramagem múrmura parece
Immensa aranha que no ar fluctua.

Um rio, para as bandas do poente,
Desliza pela varzea, em torcicollo.
Numa fazenda, além, ringe o monjolo,
Bombondeando compassadamente.

Extensos milharaes apendoados
Verdes collinas cobrem, lourejantes :
Parecem batalhões alli parados,
Com seus elmos de plumas fluctuantes.

Pendem dos gravatás cheios de viço,
Cachos de fructos acidos, picantes,
Como enormes botões de ouro massiço
Que alli foram guardados por gigantes.

« Hilva, vem vêr aqui uns pés de avenca
Pelos barrancos humidos, seguros.
Vê acolá tambem que bella penca
De côcos indayás muito maduros.

« Neste arbusto vem vêr, tão solitario,
Umás fructas de côr muito vermelha.
Olha esta que colhi, como semelha
As contas de coral do teu rosario.

OS SABIÁS



II

« Escuta : os sabiás estão cantando agora,
Ao fulgido esparzir dos matinaes albores.
Que tremolos na voz! que dôce voz canora!
Quantas notas de amor! como falam de amores!

« Que ineffavel canção essa canção erguida
No conchego feliz, pelos florentes prados...
Ao menos uma vez possa eu tambem na vida
Cantos assim cantar, tão d'alma assim cantados! »



O MOINHO



III

Como um pequeno e tosco chaletzinho
(Que bello quadro, digno de um desenho!)
Vê acostado ao morro aquelle moinho
Num ru-ru perro, num ru-ru rouquenho.

Campanulas agrestes, lado a lado,
Vestem-no todo de nitentes côres.
O azul do moinho, meio desbotado,
Casa-se bem com o alvor daquellas flôres.

Cáe em rôlos de prata a agua espumante,
Depois, desce o grotão que cerca a matta.
Que chispação phantastica e irisante,
Naquella agua a imitar rôlos de prata!

Fomos. E a longo tracto do caminho,
Inda o rodar da moenda se escutava.
Antigamente, como aquelle moinho,
O ciume ao coração me triturava.



A CASCATA



IV

Uma cascata além! Como um gigante,
Que admira o despontar da madrugada,
Sólta, bramando, um ah! tonitroante,
Numa eterna e monotona toada.

De salto em salto, quebra-se espumante,
Qual montanha de neve desmanhada.
E lá do abysmo, onde a agua é despenhada,
Sobe uma nevoa alvissima e brilhante.

O louro sol primaveral que nasce,
Os seus raios dardeja, face a face,
Contra as fulgentes gottas numerosas!

Todas as côres! Quadro nunca visto!
Eu, deslumbrado, muito tempo assisto
A uma chuva de pedras preciosas.



A CHOUPANA



V

Poetica choupana ! Habitam nella
Uns simples camponezes, cuja vida,
Como a da flôr do campo, é retrahida,
Que até nome não tem, de tão singella.

A'janella, ninguem. Mas, em seguida,
Uma trigueira surge, fresca e bella,
Qual uma imagem rustica embutida
Na rustica moldura da janella.

Cá fóra latem cães, cavallos rincham,
Grasnam marrecos, bacoros coincham,
A ração esperando, num berreiro.

A moça cumprimenta-nos contente,
E, bocejando preguiçosamente,
Joga milho, aos punhados, no terreiro.

E fomos convidados pela moça
A descansar um pouco da jornada.
Alegre recebeu-nos, e tão dada,
Como se fosse conhecida nossa.

Mostrou-nos tudo; e disse que na roça
O pae se achava desde a madrugada;
Que á fonte fôra a mãe lavar a louça,
E que seria em breve alli chegada.

Depois de muita prosa e muito agrado,
E de haver percorrido e nos mostrado
Os commodos mais intimos da casa,

Um café perfumoso ella nos trouxe,
Um café muito forte e muito dôce,
Em duas velhas chicanas sem aza.



NO VALLE



VI

Fresca, a manhan, balsamica, pompeia.
Cantam as aves pelos descampados.
A terra está completamente cheia
De sussurros, e flôres, e trinados.

Cantam as aves pelos descampados.
As campinas scintillam deslumbrantes,
Qual se fossem alli pulverizados
Beryllos, esmeraldas, e brilhantes.

As campinas scintillam deslumbrantes,
Na sua matinal polychromia;
A briza, pelos campos verdejantes,
Passa cantando dôce symphonia.

Na sua matinal polychromia,
O valle todo é só deslumbramento :
Aves e flôres, celica harmonia,
Montes azues, azul o firmamento.

O valle todo é um deslumbramento,
Esplendorosa e fresca a madrugada!
So para festejar, nesse momento,
Nossa feliz e triumphal chegada.

CANÇÃO



VII

Escondei, escondei, rosas do valle,
O vosso aroma divinal e dôce :
Pois não ha flôr nenhuma que trescale
Tanta fragrancia como a flôr que eu trouxe.

Vêde-a : como deslumbra essa madeixa !
A bocca, vêde-a : como é tão vermelha !
Vereis que breve o beija-flôr vos deixa,
E a refulgente e pequenina abelha.

A sua voz melódica soltando,
Todo este valle se enche de harmonia ;
A muda escarpa fica resoando,
Fica resoando a muda penedia...



CASAL DE JOÃO-DE-BARROS



VIII

Eu sempre os vejo alegres na copada
Da canelleira rúmura e frondente,
Soltando uma sonora gargalhada,
Guizalhante, metálica, estridente.

Sob o verde docel sombrio e morno
Da árvore, sua rústica morada
Parece muito um pequenino fôrno,
Com aquella portinhola arredondada.

Dizem-me a gargalhar sempre o bom-dia.
Que cumprimento extravagante é esse!
Se alegre vou, parece de alegria,
Se triste vou, de escarneo, então, parece.

NA SELVA



IX

Ha uma vaga fanfarra
Nos logares mais secretos :
Na folha que se desgarra,
Nos zumbidos dos insectos ;

No fresco sôpro da briza,
Nos estalidos da relva ;
No riacho que desliza,
Bisbilhando, pela selva.

Dos cachos das ipoméas
Vêm ondas de rumorejos :
São invisíveis Napéas
Que arpejam dôces arpejos.

Ouçó por toda a floresta
Symphonias de mysterios...
Longe sussurro de festa,
Uns sons mysticos, aéreos...

Certo, essa musica toda,
Sob a viride ramagem,
Está festejando a bôda,
D'alguma nympha selvagem.

Parece que Pan exulta,
E beija planta por planta :
Canta a herva mais occulta,
A matta, emfim, toda canta.



A BORBOLETA



X

Assim vagando, borboleta,
De galho a galho, flôr a flôr,
Talvez, como eu, andas inquieta,
Aqui e alli, buscando amor.

Baldado intento ! As azas cerra,
Pois que volitas sempre em vão :
Se erras de flôr a flôr, elle erra
De coração a coração.



À BEIRA DE UM RIACHO



XI

Cascalho, quanto te invejo
Jogado no fundo d'agua !
Não te palpita um desejo,
Não te punge a menor magua.

Como tu, eternamente,
Nessa eterna solidão,
Antes fosse inconsciente,
Não tivesse coração.

De angustias tenho a minh' alma,
Horriavelmente tão cheia !
Quizera-te a doce calma,
Ahi, cravado na areia.

A terra não te aborrece,
E nem tu a ella tambem :
Que bello viver é esse,
Que não magôa a ninguem !

Nada, nada, te consome,
No teu recanto sombrio :
Não soffres sêde nem fome,
Não sentes calor nem frio.

As tristezas d'este mundo
 Passam por ti a fugir :
 Nesse teu dormir profundo,
 Tu não as podes sentir.

Religiões... Deus... que te importa,
 Nesse teu repouso eterno?
 Pois, a tua alma está morta,
 Não te arreceias do inferno...

Cascalho, nem sabes quanto
 Inveja-me esse torpor :
 Tu não conheces o pranto,
 Nem as agruras do amor.

Corpo insensível, de pedra,
 Mais esta felicidade :
 Jamais, jamais, em ti medra
 A triste flôr da saudade!...

Como tu, eternamente,
 Nessa eterna solidão,
 Antes fosse inconsciente,
 Não tivesse coração.



TROVAS DE UMA SERTANEJA

QUE PASSA AO LONGE



XII

Sou como a rosa, como o lírio aberto,
Estremecendo ao rugitar da briza,
Quando, a sorrir, de mim tu passas perto,
Chapéu de palha, em mangas de camisa.

Sincero é o teu amor e os teus affectos ;
A paixão que eu te tenho, não se acaba :
Eu estou presa por teus olhos pretos,
Que me fazem lembrar jaboticaba.

Fico toda tremente, commovida,
Quando ao samba me apertas a cintura :
Torna-se a minha face enrubescida,
Como a pitanga que cahiu madura.

Quando tu passas, a tanger o gado,
Estrada afóra, alegre trauteando,
Meu pensamento vai sempre a teu lado,
Bem como a garça alvissima, voando.

Que grande amor, que adoração tamanha,
Por ti dentro em meu peito desabrocha!
E' mais firme que o cedro da montanha,
E' mais firme e mais forte do que a rocha.

E, como o noitibó, eu triste canto,
Se, em viagem, te somes no horizonte :
Dos meus olhos derrama-se mais pranto,
Do que derrama a crystallina fonte.

Tua feição eu trago bem gravada
No fundo de minh' alma, todo o dia.
Por ti eu rezo junto á cruz da estrada,
Quando, á tardinha, o urú na matta pia.

Não te esqueças do amor que nos consola,
Quando, longe de mim, vires as bellas :
Olha bem que enfeitei tua viola
De fitas verdes, fitas amarellas.

O collar de cahetê que me fizeste,
Ainda o guardo, envólto no pescoço ;
E o ramo de alecrim cheiroso e agreste,
Que colheste commigo junto ao poço.

Sincero é o teu amor e os teus affectos ;
A paixão que eu te tenho, não se acaba :
Eu estou presa por teus olhos pretos,
Que me fazem lembrar jaboticaba.



A APOSTA



XIII

Apostemos, minha Hilva, uma corrida
Até lá, muito embaixo, na touceira
De cipó S. João, toda florida,
Que se enxerga á direita da porteira.

Condições : um riquissimo presente,
Se ganhares a aposta, como espero,
Eu te darei. E me darás sómente
Um beijo, se a perderes. Queres?

— Quero.

E parte, e desce, e corre, e vôa, e ao alto
De um comoro, saltando, galga offega.
E parto, e desço, e corro, e vôo, e salto.
E ella corre mais... mais... quasi que chega

Ao ponto combinado. E corro, e corro,
E vôo, e vôo. Tomo-lhe a deanteira.
Grito, ao passar-lhe perto : « Quasi morro ! »
Mais porque ella se anime na carreira.

E, ligeiro, levipede, eu alcanço
A moita de cipó que tanto almejo.
Victorioso, impaciente, nem descanso,
E volto ao seu encontro e dou-lhe o beijo.

SOB UMA PAINEIRA



XIV

Sob este verde céu de estrellas verdes,
Vamo-nos descançar. Que insecto bello,
Hilva, aqui nesta folha. Muito perdes,
Se não o vires : vem depressa vê-lo.

Vem depressa, que o vôo já ensaia.
E preciso não foi que ella viesse :
Voou. E, presto, lhe pousou na saia,
E uma conta a mover-se, então parece.

E foi subindo lento, foi subindo
(E vêde que ousadia!) até o rosto.
Seja que o achasse bom, que o achasse lindo,
Fica parado alli, muito a seu gôsto.

E muito negro, de uma côr retinta,
Pouco acima da bocca, rósea taça!
Como pequena e graciosa pinta,
Dá-lhe ao semblante mais um quê de graça.

Não faço mal ao ente mais imbelle.
Entre os dedos, emtanto, esmigalhei-o :
Eu só, só eu, por ella viva e zele,
E goze-lhe eu sómente o doce enleio.

RECORDAÇÃO ÍNTIMA



XV

Eis-nos á estrada que margeia os montes,
Sob uma pitangueira florescida...
Ah, chora, coração! e nada contes
Dessa historia feliz de minha vida.

Profere-a baixo, como as tuas preces,
Ao altar da Saudade e do Passado...
Só tu a entendes, tu só a conheces;
Nesse idyllio de amor pensa calado...



RETORNO



XVI

Que saudades, meu Deus, daquella volta,
Quasi ao crepusculo, ao findar do dia!...
Ella, a meu lado, a cabelleira sôlta,
Phrases de amor, sorrindo, me dizia.

Com que delicia, então, não a ouvia,
Naquella volta que não mais me volta...
Só de beijos, de amor, e phantasia,
Foi nossa escolta, encantadora escolta!...

Tanto era o enlêvo meu, tanto o carinho
Que nada ouvi nem vi pelo caminho...
Meus olhos embebiam-se nos seus...

Nada vi nem ouvi... nossa jornada
Sómente percebi que era findada,
Quando ella, ao me deixar, me disse adeus.



ULTIMA PAGINA



XVII

Hilva ha muito que é morta. E o valle ainda
E' o mesmo, e as mesmas flôres na campina.
Punge-me vél-a assim, assim tão linda,
Eu quizera-a mudada, ou feita em ruina...





INDICE

PRIMEIRA PARTE

PAROS

Pygmalião	11
O Pantano	13
Paizagem.	17
Tropeiros.	21
A Partida.	22
Só	25
Mugidos Extremos	26
De Volta	27
Crepusculo Byzantino	31
A Gonçalves Dias	32
Velho Hottentote	33
O Perú	34
Evohé	35
Calvario Dalma	36
Os Tigres.	37
O Pato	38
O Sapo.	41
Felina	42
A Dôr	45
Vencedor.	47
Pendula Eterna	48
Tempo Abaixo	49
Os Mandacarús	50
O Livro.	51

Carmes.	53
Bucolica	57
A Rosa e a Abelha.	61
Soror Stella.	65
Deus	66
Raphael	69
Nua	70
O Nilo	73
Lethes	77
Palmeira	78
Alto da Mantiqueira	81

SEGUNDA PARTE

CARYATIDES

Tu, Só Tu, Puro Amor.	91
Quando Ella Passa.	92
No Baile	93
Voluvel.	94
Teu Amor	95
Josephina	96
Sereia	97
Olha-me sempre	101
No Boléro	102
Sevilhana	103
Arrufos	107
Saudosa	109
Celia	110
Na Alcova	115
Edelweiss	117
Beijos e Beijos	118

TERCEIRA PARTE

EMENTARIO

Jornada a um Valle	123
Em Caminho do Valle.	127
Os Sabiás.	133
O Moinho.	137
A Cascata.	141
A Choupana	145
No Valle	149
Canção.	153
Casal de João-de-Barros.	157
Na Selva	161
A Borboleta	165
A' Beira de um Riacho.	169
Trovas de uma Sertaneja	173
A Aposta	177
Sob uma Paineira	181
Recordação Intima	185
Retorno	189
Ultima Pagina	193

Corrigi:

A' pagina 36, linha 7 : — «consummada»
A' pagina 95, linha 10 : — «mulher que ver.
A' pagina 66, ultima linha : — «immutavel»

Castex Filler
...